

# A Virgem Maria na literatura de cordel

## Virgin Mary in cordel literature

Ivanaldo Santos\*

**Resumo:** O objetivo desse artigo é investigar a presença da figura da Virgem Maria na literatura de cordel. Para alcançar esse objetivo o artigo foi dividido em duas partes, sendo elas: Breve história da literatura de cordel e A Virgem Maria na literatura de cordel. Por fim, afirma-se que a Virgem Maria representa, no cordel, o ideário de mulher nobre, santa, mãe e mística que é encontrado tanto, de forma oficial, na doutrina da Igreja, como também no ideário da poesia popular e do cidadão comum.

**Palavras-chave:** Literatura; Cordel; Virgem Maria.

**Abstract:** The main aim of this article is to investigate the presence of Virgin Mary in *cordel* literature. In order to achieve such a purpose the article is divided into two parts, namely: Brief history of *cordel* literature and Virgin Mary in cordel literature. Finally, it is said that Virgin Mary in *cordel* literature represents the ideal of noblewoman, holy mother and mystique woman that is found both in official form and in the doctrine of the Church as well as in the ideals of popular poetry and ordinary citizen.

**Keywords:** Literature; Cordel; Virgin Mary.

---

\* Doutor em estudos da linguagem pela UFRN Filósofo, com pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br

## Introdução

A literatura de cordel é uma das expressões literárias mais ricas e dinâmicas do Brasil. Seu foco irradiador é o nordeste, mas ela está presente em quase todo o território nacional, incluindo os grandes centros, como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro.

O cordel aborda quase todos os problemas, mitos, encantamentos e dilemas da vida humana. Trata-se de uma expressão literária onde se encontra o que existe de mais nobre e característico da vida e da natureza humana. Por isso, pesquisar sobre o cordel é algo muito complexo e que exige uma segmentação metodológica e do objetivo a ser investigado.

Por causa disso, escolheu-se realizar um estreitamento metodológico e, com isso, limitar-se a investigar a presença da figura Virgem Maria na literatura de cordel. Para alcançar esse objetivo o artigo foi dividido em duas partes, sendo elas: Breve história da literatura de cordel e A virgem Maria na literatura de cordel. Por fim, afirmou-se que a Virgem Maria representa, no cordel, o ideário de mulher nobre, santa, mãe e mística que é encontrado tanto, de forma oficial, na doutrina da Igreja, como também no ideário da poesia popular e do cidadão comum.

## Breve história da literatura de cordel

A literatura de cordel, em sua forma original, ou seja, canção popular construída em versos é de origem portuguesa e devido à dinâmica da colonização chegou ao nordeste do Brasil e lentamente se tornou um dos centros gravitacionais da poesia e da cultura popular dessa região.<sup>1</sup>

Como demonstra Haurélio,<sup>2</sup> a literatura de cordel espalhou-se pelo Brasil e tornou-se um gênero discursivo de expressão nacional,

---

<sup>1</sup> ABREU, M. De como a literatura de cordel portuguesa se tornou brasileira. In: *EPA*, p. 103-109, 1985.

<sup>2</sup> HAURÉLIO, M. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010, p. 103-109.

sem, no entanto, perder suas origens nordestinas. O nordeste continua sendo, até os dias atuais, a grande inspiração e o local onde surgem os grandes poetas cordelistas.

De acordo com Maxado,<sup>3</sup> a literatura de cordel é um tipo de poema popular, oral e impresso em folhetos, geralmente expostos para venda e pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome *cordel*. Ela é escrita em forma rimada e alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, o mesmo estilo de gravura usado nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, além de fazerem as leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores. Para pesquisadores, como, por exemplo, Slater<sup>4</sup> (1984) e Holanda<sup>5</sup> (2011), esse gênero literário engendra, em seu interior, diversos temas que permeiam, de forma direta ou indireta, a cultura nordestina. Entre esses temas cita-se: as epopeias do surgimento do mundo, as histórias de princesa, da vida dos santos e outros temas religiosos, os acontecimentos históricos do Brasil e de outras regiões do planeta, a crítica política e social.

Segundo Haurélio<sup>6</sup> a literatura de cordel surgiu aqui no Brasil no fim do século XIX fruto da confluência para a cidade de Recife, de quatro poetas nascidos na Paraíba, sendo eles: Silvino Parauá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Esses poetas são os formadores da geração princesa de cordel. Fixando-se assim no nordeste brasileiro mais especificamente nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceara. Ainda sobre a literatura de cordel, Haurélio ainda afirma:

A literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral, desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas [...] literatura que reaproveita temas da tradição oral,

<sup>3</sup> Cf. MAXADO, F. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

<sup>4</sup> Cf. SLATER, C. *A vida no barbante*. A literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

<sup>5</sup> Cf. HOLANDA, A. *O fantástico mundo do cordel*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

<sup>6</sup> HAURÉLIO, M. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010, p. 7.

com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas, também espelho social de seu tempo. Breve História da literatura de cordel.<sup>7</sup>

Desse modo a literatura de cordel que seria desenvolvida mais tarde aqui no Brasil teve grande influência das diásporas sertanejas e das canções trovadorescas existentes na Península Ibérica, adaptando-se e ganhando uma nova roupagem através da cultura tipicamente nordestina.

Diferente do que ocorria na Península Ibérica, aqui no Brasil a literatura de cordel, era uma literatura popular restrita ao universo familiar e as classes menos privilegiadas, como, por exemplo, moradores pobres das vilas e das fazendas, ex-escravos e pequenos comerciantes. No entanto, com a comercialização e venda dos cordéis esse tipo de literatura começou a se expandir por todo o país, tendo como principal precursor o escritor e editor Leandro Gomes de Barros, que conseguiu sobreviver basicamente da comercialização de suas obras, feito bastante raro para a época. Com a expansão do cordel também se percebeu a necessidade de serem estabelecidas algumas regras para a composição do cordel havia uma predominância da redondilha menor (versos de cinco sílabas poéticas) e da redondilha maior (versos de sete sílabas poéticas), tendo também inspiração a autores portugueses consagrados como: Gil Vicente, Sá de Miranda e Luís de Camões.<sup>8</sup>

A marca característica da literatura de cordel se constitui de sua apresentação em folhetos, conteúdo de interesse popular, comercialização peculiar e baixo custo logo podem concluir que não necessariamente o cordel apresenta-se em versos, ele pode mostrar-se também em prosa. Durante sua chegada ao Brasil, a literatura de cordel foi alvo de preconceito, por parte de críticos que o consideravam como sendo uma subliteratura <sup>9</sup>

Embora o conceito de literatura de cordel seja muito divergente do que Peregrino (1984) considera como sendo subliteratura, os folhetos foram, por muito tempo, considerados como subliteratura por

<sup>7</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>9</sup> Cf. PEREGRINO, U. *Literatura de cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

concordarem com uma segunda consideração de a respeito dessa categoria literária autônoma. Sobre a subliteratura, Peregrino afirma:

Considera-se ainda que a subliteratura possa manifestar-se tanto no conteúdo quanto na forma, podendo haver concomitância. Exemplo de conteúdo subliterário seriam a ficção e a poesia do tipo água-com-açúcar e a exploração do sentimental, do crime e do sexo como formas e assuntos fáceis e atraentes. Quanto à forma, admitimos que possam fornecer subliteratura quaisquer assuntos tratados vulgarmente.<sup>10</sup>

Desse modo a consideração ou não do cordel como sendo um tipo de literatura, temos a colocação de Sergio Millet<sup>11</sup> sobre o que é literatura, que vem a considerá-la como sendo fator determinante na obra literária a expressão, nessa perspectiva, podemos constatar que o cordel é construído basicamente de expressão, contudo, pela linguagem vulgar, e o modo diferenciado de como se produz o cordel, este passou por muito tempo sendo considerada não como uma literatura, mas como subliteratura, termo que é atribuído a toda obra literária, considerada inferior à literatura em si.

A literatura de cordel perdeu grande força com o aumento do custo de produção das obras, apelando, então, para o patrocínio do poder público, de empresas privadas e de cidadãos individuais, o que é denominado de *cordel de encomenda*, que vem a favorecer determinada instituição à qual o cordel foi solicitado, perdendo, dessa forma, um pouco da sua visão crítica da sociedade. Além do cordel de encomenda, têm-se a produção de *edições possíveis*, que consiste basicamente na produção de cordel de pronto consumo, ou seja, cordéis cuja venda é garantida.

Em geral, as *edições possíveis* são cordéis que tratam de assuntos jornalísticos, uma vez que, estes, são de interesse comum. Sobre esse assunto, Proença enfatiza: “antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação que justamente quando começa a disseminar-se o jornal, a literatura de cordel decai”.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>11</sup> Apud PEREGRINO, U. *Literatura de cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

<sup>12</sup> PROENÇA, I. C. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977, p. 28.

Em virtude da ausência do jornal em muitas regiões do nordeste e do Brasil, as vendas de cordéis se davam de forma rápida. Contudo, com a difusão do jornal, nessas regiões, o consumo de cordéis jornalísticos foi reduzido significativamente, fazendo com que alguns autores apelassem para a temática do erotismo, da vida mística e do bucolismo rural. Temas que estão presentes em outros gêneros literários.

No Brasil, de maneira mais específica, existem grandes centros de cordéis. Contudo, muitos acreditam que este surgiu na região nordeste do país, muito provavelmente pela maneira típica nordestina de adaptar a obra à sua cultura, escrevendo-a de uma forma mais específica, no entanto, embora o nordeste seja um grande consumidor de literatura de cordel, o estado de São Paulo é considerado o maior foco de produção e consumo dessa literatura, entretanto, se concentra venda dessa obra na região nordeste, sendo que muitas vezes esta, ainda tem a capa impressa em xilogravura e os folhetos são pendurados em barbantes, além disso, mesmo com um grande foco em São Paulo, os poetas populares continuam predominantemente nordestinos, isso acontece, segundo Peregrino, isso acontece, em virtude da concentração em massa de nordestinos ali fixados e a existência da Editora Luzeiro. Vale ressaltar ainda, a influência significativa que recebe o comércio de cordel do Rio de Janeiro, onde muito se produzem obras, considerando a grande quantidade de poetas populares no estado.<sup>13</sup>

Atualmente, com o baixo consumo do cordel, por parte do grande público, associado a pouca visibilidade dessa expressão literária nos grandes meios de comunicação, tem por consequência o fato dos escritores, desse tipo de literatura, não possam viver exclusivamente do ofício de escrever e publicar cordéis. Com isso, esses escritores passam a exercer outras profissões (professores, funcionários públicos, etc). A consequência desse processo é que, ao contrário de antes, os escritores de cordéis passaram a estudar, muitos têm o curso superior, o que acarretou o surgimento dos chamados *Poetas Doutores*, numa comparação ao fato de antes os poetas cordelistas eram, em sua maioria, geralmente analfabetos.

---

<sup>13</sup> PEREGRINO, U. op. cit, p. 103.

No entanto, não se deve pensar que o cordel está em decadência. Como bem esclarecer o poeta Hélio Gomes Soares, mais conhecido como Hegos, o “cordel é uma arte, tradição da região do Nordeste brasileiro”.<sup>14</sup> O cordel está vivo e, ao mesmo tempo, procura a cada instante se recriar e se adaptar a dinâmica da vida sociocultural.

O cordel tem como fonte principal de inspiração poética o cotidiano, justamente o cotidiano que é um espaço rico em encontros e interencontros de culturas e situações socioculturais. Por isso, o cordel, no mundo contemporâneo, está se reiventando. Sobre essa questão é importante observar o esclarecimento, feito em rima, realizado pelo poeta Moreira Acopiara:

O cordel contemporâneo  
Fala de sonho, saudade,  
Escola, computador,  
Contos de fada, amizade,  
Professor, aluno, escola...  
Temas da atualidade.<sup>15</sup>

Na sociedade contemporânea o “cordel está vivendo uma série de inovações”.<sup>16</sup> Em grande medida, isso se deve ao fato de a “todo momento se revelam, na cultura e na ciência, novos temas e descolbetas”.<sup>17</sup> Esse fato abre espaço para a constituição do *neocordel*, ou seja, de novas formas de organização do movimento cordelístico e da incorporação, no seio da literatura de cordel, de novos temas e novas propostas de estruturação poética.

## A Virgem Maria na literatura de cordel

Inicialmente, antes de apresentar a figura da Virgem Maria na literatura de cordel, é preciso se realizar três esclarecimentos.

---

<sup>14</sup> SOARES, H. G. *Manifesto pró-cordel*. Natal: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de Cordel), p. 1.

<sup>15</sup> ACOPIARA, M. *Cordel cotidiano*. São Paulo: Ed do Autor, 2012. (Livrinho de Cordel), p. 4.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>17</sup> FARIAS, J. B. C. *O neocordel e escultura literária*. Natal: Neocordel, 2009, p. 1.

O primeiro esclarecimento é que a literatura de cordel é ampla, multiforme e multicultural. Enquanto *gênero épico*<sup>18</sup> ela chega a desenvolver, como demonstra Lopes<sup>19</sup>, uma reflexão filosófica sobre o homem e o mundo. É por causa disso que ela não está presa ou ligada oficialmente a uma estrutura social, de poder, a uma ideologia ou a uma religião.

A literatura de cordel não segue uma religião ou uma doutrina política e filosófica. No entanto, devido as suas origens Ibéricas e cristãs, a forte presença da cultura popular e por estar tão perto do homem simples e comum, existe um forte conteúdo místico e religioso dentro da literatura de cordel.

É possível encontrar na literatura de cordel elementos e princípios religiosos ligados a várias religiões, como, por exemplo, ao espiritismo e ao protestantismo. No entanto, o conteúdo religioso mais presente nesta expressão literária é o catolicismo. Não se pode afirmar que o cordel é católico, que é uma expressão da *literatura católica*<sup>20</sup>, mas que o seu conteúdo poético-cultural está carregado de elementos da fé católica. Uma fé de expressão popular e, em alguns momentos, distante da teologia e das inovações litúrgicas propostas pela hierarquia da Igreja Católica. Sobre essa questão Tavares Junior (1980), afirma: “[...] apesar de dominante, o catolicismo não é vivido [na literatura de cordel] em sua pureza ortodoxa e deixa-se invadir por grande contingente de superstições e credences, mantendo-se alheio às inovações do dogma e às atualizações teológicas e morais”.<sup>21</sup>

O cordel não é uma cartilha teológica ou de doutrina religiosa. Ele é um espaço literário aberto e livre. Por isso, muitas vezes, a literatura de cordel fica distante das inovações teológicas e se aproxima das credences populares. Sobre essa questão Caldas Filho (2005), afirma:

---

<sup>18</sup> Cf. SOUZA, J. B. O cordel como gênero épico. A constituição do herói popular: a saga de Lampião. In: MELO, M. C. V. *Nos caminhos das literaturas: práticas literárias e culturais*. João Pessoa: UFPB, 2012, p. 53-73.

<sup>19</sup> Cf. LOPES, R. Um olhar filosófico através da literatura de cordel: “As proezas de João Grilo”. In: *Horizonte Teológico*, n. 17, jan/jun 2010.

<sup>20</sup> Com relação a literatura católica ou literatura de expressão católica, recomenda-se consultar: Barcellos (2000), Mendes (2001) e Porto (2009).

<sup>21</sup> TAVARES JUNIOR, L. *O mito na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980, p. 72-73.

“O cordel veicula uma autêntica teologia popular. [...] Isso é coerente com o aspecto *popular* e tradicional da literatura de cordel, literatura do povo para o povo, que apresenta a espontaneidade com que o povo reflete sobre vários aspectos da vida”.<sup>22</sup>

O segundo esclarecimento é que tradicionalmente o cordel é uma expressão literária que não está exatamente preocupada com temas éticos e com questões morais. É comum se vê o cordel fazer certa apologia e até mesmo apresentar como virtudes questões que geralmente são vistas pela sociedade como temas antiéticos e causadores de problemas socioculturais.

Por esse motivo a literatura de cordel não pode ser enquadrada na categoria de *literatura politicamente correta*. O cordel é uma expressão literária que apresenta uma visão comum, tradicional e, muitas vezes, vulgar da mulher. Dentro dessa visão é possível citar, por exemplo, a prostituta ou a profissional do sexo,<sup>23</sup> a mulher que tem uma vida sexual desregrada e, por causa disso, vive uma libertinagem sexual,<sup>24</sup> a mulher envolvida com o crime e com atos de violência,<sup>25</sup> a figura da tradicional sogra fofoqueira e destruidora do casamento<sup>26</sup> a mulher fofoqueira<sup>27</sup> e a mulher feia e que, por isso, não consegue um namorado.<sup>28</sup>

É por esse motivo que Grillo<sup>29</sup> defende a tese que a literatura de cordel é, em grande medida, uma expressão literária que coloca a figura da mulher num meio ermo entre o preconceito e os estereótipos

<sup>22</sup> CALDAS FILHO, C. R. Religião na literatura de cordel: análise da religiosidade popular no nordeste brasileiro. In: *Cultura Teológica*, v. 13, n. 52, jul./set. 2005, p. 65-77.

<sup>23</sup> Cf. D'ALMEID FILHO, M. *A sedutora maldita*. São Paulo: Luzeiro, 1999. (Livrinho de cordel).

<sup>24</sup> Cf. NASCIMENTO, V. *Iniciação sexual na zona rural*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2006. (Livrinho de cordel).

<sup>25</sup> Cf. LACERDA, J. M. *Durvinha: sobrevivente do cangaço*. Cachoeira dos Índios: PB: Recantos das Letras, 2012. (Livrinho de cordel).

<sup>26</sup> Cf. GOMES, I. *O cordel da sogra*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2010. (Livrinho de cordel).

<sup>27</sup> Cf. CATUNDA, D.; PINTO, R. *Fuxico de mulher*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2011. (Livrinho de cordel).

<sup>28</sup> Cf. BORGES, J. F. A chegada da prostituta ao céu. In: *Cordel de J. Borges*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 121-129. (Coleção Biblioteca do Cordel).

<sup>29</sup> Cf. GRILLO, M. Â. F. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. In: *Esboços*, UFSC, v. 14, n. 17, 2007, p. 123-155

sociais. Para Grillo, até o presente momento dentro do cordel existem poucos espaços para se refletir poeticamente sobre as conquistas e os novos espaços sócias da mulher moderna. Por isso, o cordel, em muitos sentidos, coloca a figura da mulher ou como uma espécie de *Eva*, ou seja, a figura da mulher pecadora, ou como a *Maria*, isto é, a figura d mulher sana, boa mãe, boa esposa e dedica as coisas de Deus e da Igreja.

Uma tentativa de romper e repensar o quadro apresentado por Grillo é o cordel *Mulheres: do preconceito à justiça*<sup>30</sup> da poetisa Rivani Nassario. Esse cordel, que foi construído por ocasião das comemorações dos 100 anos do Dia Internacional da Mulher que ocorreram no ano de 2010, apresenta a figura d mulher como sendo alguém que luta por direitos e possui uma atividade positiva dentro da sociedade. Isso pode ser verificado nos seguintes versos:

Mulheres bem guerreiras  
São fortes com ação  
Do preconceito à justiça  
Na luta tem nobre missão  
Combater as injustiças  
Com boa determinação.<sup>31</sup>

Na mesma linha da poesia construída por Nassario encontram-se, por exemplo, Dourado,<sup>32</sup> Simpatia<sup>33</sup> e Silva.<sup>34</sup> Uma poesia que exalta a figura e as conquistas socioculturais da mulher.

O terceiro e último esclarecimento é o fato do cordel ser uma expressão literária profundamente religiosa. Além disso, do ponto de vista do sexo masculino, o analista da cultura popular, Gutemberg Costa afirma que as três figuras de maior relevância na literatura cordelística são: o Padre Cícero Romão, o cangaceiro Virgulino Ferreira

<sup>30</sup> Cf. NASSARIO, R. *Mulheres: do preconceito à justiça*. Recife: Sindsprev, 2010. (Livrinho de cordel).

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>32</sup> Cf. DOURADO, G. *Cordel da mulher*. Brasília: Autores Convidados, 2011. (Livrinho de cordel).

<sup>33</sup> Cf. SIMPATIA, T. *A lei Maria da Penha*. Ed do Autor, 2012. (Livrinho de cordel).

<sup>34</sup> Cf. SILVA, S. M. *Mulher também faz cordel*. Ed do Autor, 2013. (Livrinho de cordel).

da Silva, mais conhecido como Lampião, o Rei do Cangaço, e o Frei Damião. Costa faz a seguinte análise:

Frei Damião é a terceira figura de relevo de preferência dos poetas populares e também dos leitores dos folhetos de cordéis. Perdendo somente para Lampião, o Rei do Cangaço, e o Padre Cícero Romão, que tiveram uma incalculável tiragem de folhetos.<sup>35</sup>

Se do lado do sexo masculino as figuras mais presentes na literatura de cordel são o Padre Cícero Romão, o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva e o Frei Damião, do lado do sexo feminino a figura mais expressiva é a Virgem Maria. Vale salientar que mesmo o cordel não identificado diretamente com a Virgem Maria carrega em seu interior um forte conteúdo místico cristão e apresenta alguma figura feminina ligada a Bíblia, aos Evangelhos e a doutrina da Igreja. Por exemplo, Dourado apresenta a figura da mulher como sendo a “nossa luz”<sup>36</sup> que nasceu inclusive o menino Jesus. Já o cordel *A mulher de sal*<sup>37</sup> apresenta a bíblica história da mulher de Ló que olhou para trás e, por desobedecer a Deus, ficou convertida numa estátua de sal.<sup>38</sup>

Sobre a figura da Virgem Maria na literatura de cordel Mark Curran, esclarece:

[...] a Maria oficial, santa canonizada pela Igreja Católica, mãe de Jesus Cristo e padroeira de inúmeras paróquias em todo o mundo, está presente no retrato do cordeliano como a Maria do catolicismo popular brasileiro, a Maria das lendas e dos milagres, do culto mariano medieval e moderno.<sup>39</sup>

A Virgem Maria que aparece no cordel é a mesma que é descrita na Bíblia como sendo “bendita és tu entre as mulheres” (Lucas 1, 28),

<sup>35</sup> COSTA, G. *A presença de Frei Damião na literatura de cordel*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 17.

<sup>36</sup> DOURADO, G. *Cordel da mulher*. Brasília: Autores Convidados, 2011. (Livrinho de cordel), p. 1.

<sup>37</sup> Cf. NATIVIDADE, L. *A mulher de sal*. 2 ed. Salvador: Oiticica, 2012. (Livrinho de cordel).

<sup>38</sup> Cf. Gênesis 19, 26.

<sup>39</sup> CURRAN, M. Jesus, Maria, os apóstolos e os santos. In: *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia: Ateliê, 2011, p. 30.

aquela que achou “graça diante de Deus” (Lucas 1, 30) e que, por isso, é a “serva do Senhor” (Lucas, 1, 38).

É a Virgem Maria que de acordo com a devoção popular e com a doutrina e a tradição da Igreja possui muitos títulos, mas que apesar de todos os títulos, de todos os nomes que a cultura, povo e a Igreja podem lhe conceder, ela permanece sendo a mesma, ou seja, a Virgem Maria. Sobre essa questão o poeta Roberto Ribeiro Sales, no cordel *os Títulos de Nossa Senhora*, escreve:

Maria, a Mãe de Deus  
Conforme diz uns versículos,  
Querida em todo mundo  
E recebeu muitos títulos,  
Vou tentar dizer em versos  
Sem aumentar os capítulos.<sup>40</sup>

Já o poeta popular Fernando Nascimento, no cordel *A resposta de Maria a um “crente” raivoso*, apresenta a Virgem Maria da seguinte forma:

Maria disse: meu filho,  
Sou a mãe do Salvador,  
Que em meio a multidão  
De mim se desencontrou,  
Se o vê queira avisar-me  
Que rogo a te favor.<sup>41</sup>

Na literatura de cordel a Virgem Maria é homenageada com diversos títulos. Entre eles citam-se: Nossa Senhora de Nazaré,<sup>42</sup> Nossa Senhor de Brotas,<sup>43</sup> Nossa Senhora Mãe de Todos,<sup>44</sup> Nossa Senhora da

---

<sup>40</sup> SALES, R. R. *Os títulos de Nossa Senhora*. João Pessoa: Ed do Autor, 2005. (Livrinho de cordel), p. 1.

<sup>41</sup> NASCIMENTO, V. *Iniciação sexual na zona rural*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2006. (Livrinho de cordel), p. 1.

<sup>42</sup> Cf. CUNHA NETO, J. *O círio de Nazaré*. Belém do Pará: Ed do Autor, s/d. (Livrinho de cordel).

<sup>43</sup> Cf. ALMEIDA, F. *Nossa senhora das Brotas*. Tabuleiro do Norte-CE: Ed do Autor, 2002. (Livrinho de cordel).

<sup>44</sup> Cf. RODRIGUES, A. *Nossa senhora: a mãe de todos*. Assaré-CE: Ed do Autor, 2003 (Livrinho de cordel).

Conceição<sup>45</sup>, Nossa Senhora Mãe de Jesus,<sup>46</sup> Nossa Senhora de Fátima,<sup>47</sup> Nossa Senhora do Rosário,<sup>48</sup> Nossa Senhora de Guadalupe,<sup>49</sup> Nossa Senhora da Guia<sup>50</sup> e Nossa Senhora Aparecida também conhecida como Nossa Senhora do Brasil.<sup>51</sup>

No cordel *Nossa senhora das Brotas*, o poeta Francinildo Almeida fala da tradição de homenagear a Virgem Maria. Em suas palavras:

A tradição é inegável  
 odemos bem constatar:  
 A religiosidade  
 É o que faz iniciar  
 É o florescer mais constante  
 E o que sempre leva avante  
 Quaisquer povos ou lugar.<sup>52</sup>

Já no cordel *Nossa senhora: a mãe de todos*, da poetisa Antônia Rodrigues, apresenta-se uma síntese da crença popular e da Igreja na Virgem Maria. De acordo com esse poema:

Maria é mãe de Jesus por Deus foi a escolhida  
 pra cumprir uma missão  
 durante a sua vida  
 pra dar luz ao Salvador  
 do mundo, sem sentir dor  
 porque foi a preferida.  
 É livre de toda mancha

<sup>45</sup> Cf. CARLOS, A. *Homenagem à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição*. Festa da padroeira – Alexandria/RN. Alexandria: Instituto Zulmirinha, 2012. (Livrinho de Cordel)

<sup>46</sup> COSTA, J. S. *Amor de mãe e o poder de Jesus*. Olinda: Casa das Crianças, 1978. (Livrinho de Cordel).

<sup>47</sup> DURVAL, T. *Versos sobre as mães e sobre Nossa Senhora de Fátima*. Chaval-CE: Ed do Autor, 2013. (Livrinho de cordel).

<sup>48</sup> Cf. MORAIS, N. *Uma lenda da Senhora do Rosário*. João Pessoa: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de Cordel).

<sup>49</sup> Cf. BARBOSA, F. T. *História de Nossa Senhora de Guadalupe*. Maceió: Ed do Autor, 2013b. (Livrinho de cordel).

<sup>50</sup> Cf. MOTTA, B. *A pega de boi no mato: cordel pra Nossa Senhora da Guia*. Natal: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de cordel).

<sup>51</sup> Cf. ARAÚJO, M. *Nossa Senhora Aparecida: a padroeira do Brasil*. Santaluz-BA: Ed do Autor, 2011. (Livrinho de cordel).

<sup>52</sup> Cf. ALMEIDA, F. *Nossa senhora das Brotas*. Tabuleiro do Norte-CE: Ed do Autor, 2002. (Livrinho de cordel).

de pecado, pois és bela  
tem plenitude perfeita  
de inocência, revela  
e tem também santidade  
por causa da virgindade  
viveu na terra donzela.  
Preservada do pecado  
a Virgem Imaculada  
foi elevada ao céu  
e por Deus foi exaltada  
para sempre a rainha  
e também nossa mãezinha  
foi altamente aclamada.  
É mãe de todas as mães  
na corte celestial  
e tem imenso amor  
com seu jeito angelical  
portanto é grandiosa  
deveras maravilhosa  
sobretudo especial.<sup>53</sup>

No entanto, é com o título de Nossa Senhora aparecida, a padroeira do Brasil, que a Virgem Maria recebe, na literatura de cordel, o maior número de elogios e de versos poéticos. Por exemplo, o cordel *Nossa Senhora Aparecida: a padroeira do Brasil*, de Marlene Araújo, afirma:

Padroeira do Brasil  
em preconceito de cor  
Nossa senhora Aparecida  
A mãe do Nosso Senhor  
Nos cubra com vossa Manto  
Enxuga o nosso pranto  
Mãe do Divino amor.  
Olha para vossos filhos  
Que por misericórdia clama  
Abençoa as criancinhas  
Que da vida pouco reclama  
Olhai por nossos jovens

<sup>53</sup> Cf. RODRIGUES, A. *Nossa senhora: a mãe de todos*. Assaré-CE: Ed do Autor, 2003 (Livrinho de cordel).

Que a vida é só desordem  
E vivem jogados na lama.  
Ó Senhora Aparecida  
Que dos peões sois padroeira  
Derrame a vossa benção  
Durante a vida inteira  
Sobre esses jovens valentes  
Sobre toda essa gente  
Com sua fé verdadeira.<sup>54</sup>

Dentro da mesma temática, ou seja, Nossa Senhora aparecida, o cordel *Nossa Senhora Aparecida: padroeira do Brasil*, do famoso poeta popular José Costa Leite, ressalta:

Minha Santinha morena  
Cheirosa como açucena  
Deixai eu traçar na pena  
O teu bonito perfil  
Minha santinha querida  
Tesouro da nossa vida  
Nossa Senhora aparecida  
Padroeira do Brasil.<sup>55</sup>

Um dos clássicos do universo poético do cordel, ou seja, *As sete espadas de dores da Santa Virgem Maria*,<sup>56</sup> também do famoso poeta popular José Costa Leite, reconta a profecia de Simeão sobre as chagas de Jesus Cristo e as consequentes sete dores da Virgem Maria. Trata-se de um cordel extremamente clássico, muito lido no interior do nordeste, que chega até mesmo a ser apresentado, na forma de peça de teatro, em cidades do interior do nordeste e em paróquias e comunidades católicas nessa região do país.

Outro clássico da poética cordelística é *Sonho de Nossa Senhora e a pedra cristalina*. É preciso esclarecer que *O sonho de Nossa*

---

<sup>54</sup> Cf. ARAÚJO, M. *Nossa Senhora Aparecida: a padroeira do Brasil*. Santaluz-BA: Ed do Autor, 2011. (Livrinho de cordel).

<sup>55</sup> Cf. LEITE, J. C. *Nossa Senhora Aparecida: padroeira do Brasil*. Recife: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. (Livrinho de cordel).

<sup>56</sup> Cf. LEITE, J. C. *As sete espadas de dores da Santa Virgem Maria*. Colorado: Ed. Do Autor, s/db.

*Senhora* trata-se, originalmente, de uma oração que chegou ao Brasil, vinda com missionários e colonos católicos de Portugal, nos séculos XVII e XVIII. No Brasil essa oração tornou-se popular e, por meios dos poetas populares, virou verso e cordel. Nessa oração a Virgem Maria conversa com seu Filho, Jesus Cristo, sobre o seu sofrimento. O sonho de Nossa Senhora é rezado para vencer o medo, o mal ou por devoção a Jesus Cristo. Ao longo do território brasileiro encontram-se versões diferentes dessa oração. O famoso poeta popular José Costa Leite fez uma versão poética dessa oração. Ele sintetiza essa oração da seguinte forma:

Quem quiser aprender o sonho  
da Virgem Nossa Senhora  
se encoste a seu bento manto  
de Salomão, sem demora  
onde Jesus se encostou  
e suspirou que acordou  
o anjo Gabriel na hora.  
A Virgem disse: em meu sonho  
eu vi a lua gemer  
e vi o sol suspirar  
estrelas no Céu correr  
o tempo ficar nublado  
o passaredo calado  
e o oceano ferver.  
Vi o meu Filho Jesus  
de corda tão enquerido  
e coroado de espinhos  
sendo espancado e ferido  
levando a cruz nas ladeiras  
do Horto das Oliveiras  
quase morto, esbaforido.  
Jesus disse: minha mãe,  
um sonho tão lindo assim  
são as vontades de Deus  
eu não posso achar ruim  
meu Pai mandou me avisar

que ninguém poderá chegar  
 ao Pai senão por Mim.  
 Quem este sonho souber  
 e não ensiná-lo será  
 castigado vários dias  
 e dobradas penas terá  
 quem ouvir e não aprender  
 sua alma irá sofrer  
 e muito se arrependerá.<sup>57</sup>

Já o poeta popular Gerald Peixoto, no cordel *Os dogmas de Maria*, apresenta de forma poética a doutrina oficial da Igreja sobre a Virgem Maria. Nesse cordel é possível destacar, dentre outros versos, as seguintes estrofes:

Maria mãe de Deus  
 Que teve à exaltação  
 Todos os evangelistas  
 Afirmam é elevação  
 Maria mãe de Deus  
 Para mim e para os seus  
 Por ter tido a gratidão  
 Maria mãe de Jesus  
 Na sua maternidade  
 Os evangelistas afirmaram  
 O dogma de fé e verdade  
 Saudada por Isabel  
 Uma prima fiel  
 De fé amor e bondade.<sup>58</sup>

O cordel *O santo mais popular*, do poeta José Bezerra de Assis, retrata a vida de São João Batista, um dos santos mais populares no nordeste. Nesse cordel ele retrata a famosa passagem bíblica onde

<sup>57</sup> LEITE, J. C. *Sonho de Nossa Senhora e a pedra cristalina*. Recife: Ed do Autor, 1980. (Livrinho de cordel), p. 1-2.

<sup>58</sup> PEIXOTO, G. *Os dogmas de Maria*. Pau dos Ferros: Ed do Autor, 2011. (Livrinho de Cordel), p. 2.

a mãe de João Batista, Isabel, recebe a vista da Virgem Maria<sup>59</sup>. Em suas palavras:

É ele o João Batista  
Um dos primeiros da lista  
Do povo em quem Deus confia  
No ventre da mãe idosa  
Sentiu a presença honrosa  
Da mãe de Cristo, Maria.<sup>60</sup>

Mesmo os momentos de renovação, reinvenção e transformação dentro do universo poético do cordel passam, de forma direta ou indireta, pela influência da doutrina e dos princípios do catolicismo. Um exemplo disso é a experiência de renovação poética desenvolvida pelo poeta Antonio Francisco no livro *Sete contos de Maria*. Nesse livro, Francisco (2012) tenta recriar a poética que existe em torno da figura bíblica da Virgem Maria. No entanto, apesar da validade de sua experiência, ele termina caindo na visão bíblico-católica de que a Virgem Maria é “bendita entre as mulheres” (Lucas 1, 28), uma “mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça” (Apocalipse 12, 1) que achou “graça diante de Deus” (Lucas 1, 30) e que, por causa disso, ela é a “serva do Senhor” (Lucas, 1, 38). Essa percepção pode ser encontrada em várias estrofes do livro citado, mas os seguintes versos são bem emblemáticos:

Andava como uma fada  
Um palmo acima do chão,  
Mas aonde ela tocava  
A ponta do pé, a mão.

---

<sup>59</sup> A famosa passagem bíblica onde a mãe de João Batista, Isabel, recebe a vista da Virgem Maria é a seguinte: “E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo. E exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre. E de onde me provém isto a mi65m, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre” (Lucas 1,41-44).

<sup>60</sup> ASSIS, J. B. O santo mais popular. In: *Nas trilhas do cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2011, p. 104.

Nascia um pé de ternura  
De amizade ou paixão.<sup>61</sup>

Outro momento de tentativa de renovação do cordel pode ser encontrado em o *Cordel da alma*, da poetisa Socorro Soares de Araújo. Nesse cordel, Araújo<sup>62</sup> fala de diversas facetas da mulher: esposa, mãe, professora. Na parte que fala da mulher que adota um filho, compara a felicidade de adotar uma criança com o ato da Virgem Maria abraçar o menino Jesus. Em suas palavras:

Deus ouviu as minhas preces,  
o menino veio alegrar,  
Também fiquei assustada,  
isso também fiquei a pensar ...  
Você é muito lindo.<sup>63</sup>

Araújo<sup>64</sup> constrói um cordel singelo, que fala do amor da mãe pelo filho, da descoberta da maternidade, dos atos simples do cotidiano que envolvem a criação de um filho. No entanto, ela recorre a figura da Virgem Maria como uma forma de explicar poeticamente o paradigma da maternidade, a relação mãe-filho e o amor que um mãe sente pelo filho.

## Conclusão

O presente estudo não esgotou todos os cordéis que tratam, de forma direta ou indireta, da figura da Virgem Maria. Essa figura poética, muito conhecida como Nossa Senhora, necessita de novos e mais estudos tanto no campo da crítica literária especializada como também de outras críticas, como, por exemplo, a crítica e a análise teológica e cultural. No entanto, a título de uma conclusão precária e parcial, afirma que, de um lado, a Virgem Maria representa, no cordel,

<sup>61</sup> FRANCISCO, A. *Sete contos de Maria*. 3. ed. Fortaleza: Imeph, 2012, p. 84.

<sup>62</sup> Cf. ARAÚJO, S. S. *Cordel da alma*. João Pessoa, AGM, 2013. (Livrinho de cordel).

<sup>63</sup> ARAÚJO, S. S. *Cordel da alma*. João Pessoa, AGM, 2013. (Livrinho de cordel), p. 20.

<sup>64</sup> Cf. *ibidem*.

o ideário de mulher nobre, santa, mãe e mística que é encontrado tanto, de forma oficial, na doutrina da Igreja, como também no ideário da poesia popular e do cidadão comum. Do outro lado, a Virgem Maria representa um tema clássico da poética popular Ibérica, brasileira e especificamente nordestina. Um tema que remonta a colonização portuguesa e a chegada ao Brasil dos missionários católicos. No entanto, esse tema não se esgotou com o período histórico da colonização. Pelo contrário, a Virgem Maria é um tema poético que extrapolou esse período histórico e chegou, com força, a sociedade contemporânea e ao imaginário e a poética popular brasileira.

## Bibliografia

- ABREU, M. De como a literatura de cordel portuguesa se tornou brasileira. In: *EPA*, p. 103-109, 1985.
- ACOPIARA, M. *Cordel cotidiano*. São Paulo: Ed do Autor, 2012. (Livrinho de Cordel).
- ALMEIDA, F. *Nossa senhora das Brotas*. Tabuleiro do Norte-CE: Ed do Autor, 2002. (Livrinho de cordel).
- AMARAL, F. T. *A festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará*. Belém do Pará: Guajarina, s/d.
- ARAÚJO, M. *Nossa Senhora Aparecida: a padroeira do Brasil*. Santaluz-BA: Ed do Autor, 2011. (Livrinho de cordel).
- ARAÚJO, S. S. *Cordel da alma*. João Pessoa, AGM, 2013. (Livrinho de cordel).
- ASSIS, J. B. O santo mais popular. In: *Nas trilhas do cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2011.
- BARBOSA, F. T. *História de Nossa Senhora de Guadalupe*. Maceió: Ed do Autor, 2013b. (Livrinho de cordel).
- BARBOSA, F. T. *História de Nossa Senhora do Rosário*. Maceió: Ed do Autor, 2013a. (Livrinho de cordel).
- BARCELLOS, J. C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. In: *Numen*, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, 2000, p. 9-30.
- BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOCCACCIO, G. *A mulher que queria ser égua*. Crato: Luzeiro, s/d. (Livrinho de cordel).

- BORGES, J. F. A chegada da prostituta ao céu. In: *Cordel de J. Borges*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 121-129. (Coleção Biblioteca do Cordel).
- BORGES, J. F. *A vida secreta da mulher feia*. Ed. do Autor, 2008. (Livrinho de cordel).
- CALDAS FILHO, C. R. Religião na literatura de cordel: análise da religiosidade popular no nordeste brasileiro. In: *Cultura Teológica*, v. 13, n. 52, jul./set. 2005, p. 65-77.
- CARLOS, A. *Homenagem à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição*. Festa da padroeira – Alexandria/RN. Alexandria: Instituto Zulmirinha, 2012. (Livrinho de Cordel).
- CATUNDA, D.; PINTO, R. *Fuxico de mulher*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2011. (Livrinho de cordel).
- COSTA, G. *A presença de Frei Damião na literatura de cordel*. Brasília: Thesaurus, 1998.
- COSTA, J. S. *Amor de mãe e o poder de Jesus*. Olinda: Casa das Crianças, 1978. (Livrinho de Cordel).
- CUNHA NETO, J. *O círio de Nazaré*. Belém do Pará: Ed. do Autor, s/d. (Livrinho de cordel).
- CURRAN, M. Jesus, Maria, os apóstolos e os santos. In: *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia: Ateliê, 2011.
- D'ALMEIDA FILHO, M. *A sedutora maldita*. São Paulo: Luzeiro, 1999. (Livrinho de cordel).
- DANATAS, F. *Jaçanã de Nossa Senhora de Fátima*. Jaçanã-RN: Ed. do Autor, 2013. (Livrinho de cordel).
- DOURADO, G. *Cordel da mulher*. Brasília: Autores Convidados, 2011. (Livrinho de cordel).
- DURVAL, T. *Versos sobre as mães e sobre Nossa Senhora de Fátima*. Chaval-CE: Ed. do Autor, 2013. (Livrinho de cordel).
- FARIAS, J. B. C. *O neocordel e escultura literária*. Natal: Neocordel, 2009.
- FRANCISCO, A. *Sete contos de Maria*. 3 ed. Fortaleza: Imeph, 2012.
- GOMES, I. *O cordel da sogra*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2010. (Livrinho de cordel).
- GRILLO, M. Â. F. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. In: *Esboços*, UFSC, v. 14, n. 17, 2007, p. 123-155.
- HAURÉLIO, M. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- HOLANDA, A. *O fantástico mundo do cordel*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

- LACERDA, J. M. *Durvinha: sobrevivente do cangaço*. Cachoeira dos Índios:PB: Recantos das Letras, 2012. (Livrinho de cordel).
- LEITE, J. C. *A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia*. Ed do Autor, s/da. (Livrinho de cordel).
- \_\_\_\_\_. *As sete espadas de dores da Santa Virgem Maria*. Corolado: Ed. Do Autor, s/db.
- \_\_\_\_\_. *Nossa Senhora Aparecida: padroeira do Brasil*. Recife: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. (Livrinho de cordel).
- \_\_\_\_\_. *Sonho de Nossa Senhora e a pedra cristalina*. Recife: Ed do Autor, 1980. (Livrinho de cordel).
- LOPES, R. Um olhar filosófico através da literatura de cordel: “As proezas de João Grilo”. In: *Horizonte Teológico*, n. 17, jan/jun 2010.
- MAXADO, F. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- MENDES, M. Poesia católica. In: *Anuário de Literatura*, n. 9, 2001, p. 71-74.
- MONTEIRO, M. *Maria garrafada: mestra no amor, pecadora e santa*. 2 ed. Campina Grande: Ed do Autor, 2004. (Livrinho de cordel).
- MORAIS, N. *Uma lenda da Senhora do Rosário*. João Pessoa: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de Cordel).
- MOTTA, B. *A pega de boi no mato: cordel pra Nossa Senhora da Guia*. Natal: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de cordel).
- NASCIMENTO, F. *A resposta de Maria a um “crente” raivoso*. Goiana-PE: Manivela, 2012. (Livrinho de cordel).
- NASCIMENTO, V. *Iniciação sexual na zona rural*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2006. (Livrinho de cordel).
- NASSARIO, R. *Mulheres: do preconceito à justiça*. Recife: Sindsprev, 2010. (Livrinho de cordel).
- NATIVIDADE, L. *A mulher de sal*. 2 ed. Salvador: Oiticica, 2012. (Livrinho de cordel).
- PEIXOTO, G. *Os dogmas de Maria*. Pau dos Ferros: Ed do Autor, 2011. (Livrinho de Cordel).
- PEREGRINO, U. *Literatura de cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.
- PEREIRA, J. L. *A mãe de Jesus Cristo*. Teresina: Ed do Autor, 2008. (Livrinho de Cordel).
- PORTO, C. F. C. A expressão católica na Literatura Francesa e Brasileira do início do século XX. In: *Crítica Cultural*, v. 4, n. 1, 2009, p. 29-46.
- PROENÇA, I. C. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

- RODRIGUES, A. *Nossa senhora: a mãe de todos*. Assaré-CE: Ed do Autor, 2003 (Livrinho de cordel).
- SALES, R. R. *Os títulos de Nossa Senhora*. João Pessoa: Ed do Autor, 2005. (Livrinho de cordel).
- SILVA, S. M. *Mulher também faz cordel*. Ed do Autor, 2013. (Livrinho de cordel).
- SIMPATIA, T. *A lei Maria da Penha*. Ed do Autor, 2012. (Livrinho de cordel).
- SLATER, C. *A vida no barbante*. A literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- SOARES, H. G. *Manifesto pró-cordel*. Natal: Ed do Autor, 2009. (Livrinho de Cordel).
- SOUZA, J. B. O cordel como gênero épico. A constituição do herói popular: a saga de Lampião. In: MELO, M. C. V. *Nos caminhos das literaturas: práticas literárias e culturais*. João Pessoa: UFPB, 2012, p. 53-73.
- TAVARES JUNIOR, L. *O mito na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- TEIXEIRA, D. *O que tem na bolsa da mulher*. Ed do Autor, 2010. (Livrinho de cordel).
- TESUDO, L. C. *As transas de Sandrinha*. Parnamirim-RN: Chico Editora, 2010. (Livrinho de cordel).